

Os leitores escolheram:  
**PRÉMIO GOODREADS MELHOR ROMANCE 2015**

# CONFESSO

Jovens apaixonados com demasiadas verdades escondidas.  
Há segredos que não devem ser revelados.

**COLLEEN  
HOOVER**

**N.º 1 DO NEW YORK TIMES**

O novo romance da autora de *Amor Cruel*

**TOP  
SEL  
LER**

*As confissões que lerão neste romance  
são confissões genuínas, recebidas  
de leitores anónimos.  
Este livro é dedicado a todos os que  
tiveram a coragem de as partilhar.*

Parte Um

# Prólogo

## *Auburn*

Atravesso as portas do hospital sabendo que estarei a fazê-lo pela última vez.

No elevador, primo o número «3» e vejo-o iluminar-se pela última vez.

As portas abrem-se para o 3.º piso, e eu sorrio para a enfermeira de serviço e observo a expressão no seu rosto, de piedade por mim, pela última vez.

Passo pelo armazém, e pela capela, e pela sala de convívio, tudo pela última vez.

Continuo corredor fora, olhar fixado em frente, e encho-me de coragem ao bater levemente à porta do quarto dele, à espera de ouvir o Adam a convidar-me a entrar pela derradeira vez.

— Entra. — A voz dele, de alguma maneira, não sei bem como, ainda transborda esperança.

Está na cama, deitado de costas. Quando por fim me vê, reconforta-me com um sorriso e convida-me a fazer-lhe companhia ao levantar as cobertas. As proteções da cama já estão em baixo, portanto deito-me logo ao seu lado, depois envolvo-o com o meu braço e entrelaço as minhas pernas nas dele. Enterro a minha cara no seu pescoço. Procuro o calor dele, mas não o encontro.

Hoje, ele está frio.

Ajeita-se até estarmos ambos enroscados como de costume, com o seu braço esquerdo debaixo e o direito por cima de mim, num abraço apertado. Demora mais um pouco do que o habitual a pôr-se confortável, e reparo que, ao mínimo movimento, a respiração dele fica mais pesada.

Tento não reparar nessas coisas, mas é difícil. Estou ciente de que está cada vez mais fraco, a pele cada vez mais pálida, a voz cada vez mais

frágil. Todos os dias, neste tempo que guardo só para ele, consigo ver que está lentamente a ir e não consigo fazer seja o que for para o evitar. Ninguém pode fazer nada... só esperar.

Faz seis meses que sabemos que isto iria acabar assim. Obviamente rezámos por um milagre, mas estes milagres não tomam lugar na vida real.

Fecho os olhos quando os lábios frescos do Adam se encostam à minha testa. Disse a mim mesma que não podia chorar. Sei que é impossível, mas ao menos já tenho uma motivação para prevenir as lágrimas até não aguentar.

— Estou tão triste — sussurra ele.

São palavras que nada têm que ver com o seu otimismo habitual, mas reconfortam-me. É claro que não o quero triste, mas agora preciso de que estejamos tristes juntos.

— Eu também.

Independentemente de quão forçadas tenham sido, as minhas visitas nas últimas semanas têm tido sorrisos e gargalhadas e conversas prazerosas. Não quero que agora seja diferente, mas ter consciência de que será a derradeira vez torna impossível rir sobre seja o que for. Ou falar sobre seja o que for. Só quero chorar e berrar quão injusto isto é, mas fazê-lo mancharia a memória deste momento.

Quando, em Portland, os médicos disseram que não conseguiam fazer mais nada por ele, os seus pais decidiram transferi-lo para um hospital em Dallas. Não porque esperassem um milagre, mas porque toda a família vive no Texas, portanto julgaram que seria melhor, caso ele estivesse perto do seu irmão e de todos os que o amavam. O Adam tinha-se mudado para Portland com os seus pais só dois meses antes de começarmos a namorar, faz agora um ano.

O Adam aceitou regressar ao Texas apenas sob uma condição: a de me deixarem acompanhá-lo. Foi uma guerra para encontrar consenso entre os meus pais e os dele, mas o Adam objetou que era quem estava a morrer, de maneira que devia ser ele a decidir com quem estaria e o que aconteceria quando esse momento chegasse.

Faz cinco semanas que vim para Dallas, e, entretanto, tanto eu como ele já nos cansámos de todos os progenitores. Foi-me dito que voltasse para Portland imediatamente, senão seriam os meus pais a responder pelo meu abandono escolar. Não fosse isso, talvez os pais do Adam me



tivessem deixado ficar... mas a última coisa de que a minha família precisa agora é de ações legais.

Vou apanhar o avião hoje, e já esgotámos todas as ideias para os convencer de que não tenho de voltar. Não contei isto ao Adam nem hei de contar, mas ontem à noite, após mais súplicas minhas, a mãe dele, a Lydia, finalmente expressou a sua opinião sobre o assunto.

— Tens 15 anos, Auburn. Tu pensas que aquilo que sentes por ele é genuíno e verdadeiro, mas daqui a um mês já nem te vais lembrar. Já nós, os que o amam desde o dia em que ele nasceu, vamos ter de sofrer com a ida dele até ao dia das nossas mortes. E essas são as pessoas com quem ele precisa de estar agora.

É uma sensação estranha, saber que, aos 15 anos de vida, já te disseram as palavras mais duras que alguma vez ouvirás. Nem soube o que lhe responder. Como é que uma rapariga de 15 anos pode defender o amor que sente quando este é totalmente descredibilizado? É impossível lutar contra a minha inexperiência e a idade. Se calhar, talvez eles estejam certos. Talvez não percebamos o amor como os adultos, mas — *Caramba!* —, nós sentimo-lo. E, agora, está à beira de me partir o coração.

— Quanto falta até ao voo? — pergunta-me o Adam, enquanto lenta e delicadamente traça, pela última vez, círculos pelo meu braço abaixo.

— Duas horas. A tua mãe e o Trey estão lá em baixo à minha espera. Ela disse que temos de sair dentro de dez minutos para chegarmos a tempo.

— Dez minutos — repete ele, brandamente. — Não é tempo suficiente para partilhar contigo a transcendência existencial que se me iluminou no leito da minha morte. Preciso de quinze, pelo menos. Vinte, no máximo.

Rio-me, e sai aquilo que foi provavelmente a gargalhada mais patética e triste de que me recordo. Ambos ouvimos o desespero que a mesma confinava, e ele abraça-me com mais força, mas não tanta assim. Comparado com ontem, está muito mais fraco. A mão dele acaricia a minha cabeça, e ele encosta os seus lábios ao meu cabelo.

— Quero agradecer-te, Auburn — diz em surdina. — Por tantas coisas. Mas, primeiro, quero agradecer-te por estares tão irritada quanto eu.

Rio-me novamente. Tem sempre piadas na manga, mesmo sabendo que serão as últimas.

— Tens de ser mais específico, Adam, porque estou irritada com muita, muita coisa neste momento.

Ele afrouxa o abraço e faz um esforço tremendo para se virar para mim, para que estejamos cara a cara. Os olhos dele parecem cor de avelã, mas têm outra cor. Têm camadas de verdes e castanhos, tocando-se entre si, embora nunca se misturando, o que cria o olhar mais intenso e claro que alguma vez me fitou. Olhar esse que, outrora, tinha sido o que ele mais tinha de resplandecente, mas que agora foi derrotado por um destino inevitável, que lentamente lhe esmorece as cores.

— Em específico, estou a referir-me a quão irritados estamos com a morte por ser uma sacana do caraças. Mas suponho que também me estou a referir aos nossos pais, já que eles não entendem isto. Isto de não me deixarem ter por perto a única coisa que quero junto a mim.

Ele tem razão. De facto, estou irritada com ambas as coisas. Contudo, já recapitulámos a história vezes suficientes nos últimos dias para sabermos que nós perdemos e que eles ganharam. Agora, neste momento, só quero concentrar-me nele e embeber-me de todos os seus pedaços, enquanto ainda posso.

— Disseste que tinhas de me agradecer por muitas coisas. Qual é a próxima?

Ele sorri e leva a mão ao meu rosto. Arrasta o polegar pelos meus lábios, e parece que o meu coração sai disparado na direção dele numa tentativa desesperada de ficar aqui, enquanto a casca oca que sou é obrigada a voltar para Portland.

— Quero agradecer-te por me teres deixado ser o teu primeiro — disse ele. — E por seres minha.

O sorriso dele torna-o por breves momentos um adolescente vivaz, jovial e elegante a recordar a sua primeira vez. Quase nem parece um rapaz de 16 anos no seu leito da morte.

As palavras dele, e a sua reação às palavras dele, incitam-me a um sorriso embaraçado, prostrado na minha cara, e fazem-me regressar àquela noite. Foi antes de sabermos que iríamos regressar ao Texas. Por essa altura, o prognóstico dele já era conhecido, e nós ainda estávamos a tentar suportar a ideia. Passámos uma tarde inteira a enumerar todas as coisas que poderíamos fazer juntos, caso tivéssemos hipóteses de um «para sempre». Viagens, casamento, filhos (incluindo os nomes que lhes daríamos), todos os sítios em que viveríamos e, claro, sexo.

Antecipámos que, em sendo possível, teríamos uma vida sexual fantástica. Seria motivo de inveja para todos os nossos amigos. Faríamos amor todas as manhãs, antes do trabalho, e todas as noites, antes de adormecermos. E às vezes algures pelo meio.

Demos umas boas gargalhadas, mas não muito depois, assim que nos apercebemos de que aquela era uma parte da nossa relação sobre a qual ainda tínhamos uma palavra a dizer, a conversa desvaneceu. Não tínhamos controlo sobre coisa alguma que fizesse parte do futuro... ainda assim, esta coisa, esta coisa nossa, era algo que a morte nunca nos poderia tirar.

Nem discutimos o assunto. Não tínhamos de o fazer. Assim que ele olhou para mim e eu vi os meus próprios pensamentos espelhados nos olhos dele, beijámo-nos, e não parámos. Beijámo-nos enquanto nos despíamos, enquanto nos tocávamos, enquanto chorávamos. Beijámo-nos até ao orgasmo, e até aí continuámos o beijo, para celebrar a vitória daquela pequena batalha contra a vida e a morte e o tempo. E ainda nos beijávamos quando ele me abraçou e me disse que me amava.

Tal como está agora a abraçar e a beijar-me.

A mão dele está gentilmente envolvida no meu pescoço, e os lábios juntam-se aos meus como se fosse o melancólico começo de uma carta de despedida.

— Auburn — sussurram os seus lábios, encostados aos meus.  
— Amo-te tanto.

Sinto o sabor das lágrimas no nosso beijo. Odeio estar a destruir a nossa despedida por causa da minha fraqueza. Ele afasta-se da minha boca e encosta a sua testa à minha. Estou a ficar ofegante, o pânico está a instalar-se profundo na minha alma. Não consigo pensar. Sinto a tristeza a rastejar-me pelo peito, provocando um calor e uma pressão insuportáveis ao chegar junto do meu coração.

— Conta-me algo sobre ti que mais ninguém saiba. — Ao olhar para mim, a voz dele enlaça-se nas suas próprias lágrimas. — Algo a que eu possa agarrar-me.

Ele pergunta-me isto todos os dias, e todos os dias acabo por lhe dizer algo que nunca dissera em voz alta. Julgo que saber coisas minhas que nunca ninguém saberá o reconforte. Fecho os olhos e penso, e as mãos dele continuam a passear-se por todas as zonas da minha pele a que conseguem chegar.



— Nunca contei a ninguém o que me passa pela cabeça quando adormeço à noite.

Pousa a mão no meu ombro.

— O que te passa pela cabeça?

Abro os olhos e fito os dele.

— Penso em todas as pessoas que podiam morrer em vez de ti.

A princípio, não responde, mas, por fim, a mão dele prossegue os seus movimentos, a descer pelo meu braço até atingir os meus dedos, e então desliza-a por cima da minha.

— Aposto que não são assim tantas.

Obrig-me a sorrir e abano a minha cabeça.

— Até são, na verdade. Muitas. Às vezes digo todos os nomes que conheço, por isso depois começo a dizer os de gente que nunca conheci. Às vezes até invento nomes.

O Adam sabe que aquilo que estou a dizer não é o que sinto, mas fá-lo sentir-se bem. O polegar dele limpa-me as lágrimas do rosto. Estou zangada comigo mesma por não ter sido capaz de aguentar sequer dez minutos sem chorar.

— Desculpa, Adam. Tentei mesmo não chorar.

Os olhos dele apaziguam-se, enquanto me responde:

— Se saíesses daqui sem chorar, ias deixar-me desolado.

Não resisto ao som destas palavras. Agarro e aperto a camisola dele nas minhas mãos e começo a soluçar junto ao seu peito, e ele envolve-me. Tento escutar o seu coração por entre as minhas lágrimas... e praguejo silenciosamente com o corpo dele por ser tão fraco.

— Amo-te tanto. — A voz ofega e gela de medo. — Vou amar-te para sempre. Até quando não conseguir.

As minhas lágrimas correm com mais intensidade pelas palavras dele.

— E eu vou amar-te para sempre. Até quando não puder.

Agarramo-nos um ao outro à medida que vamos sentindo uma tristeza tão excruciante, que nos destrói a vontade de viver. Digo-lhe que o amo, porque preciso de que ele o saiba. Digo-lhe que o amo novamente. Continuo a dizê-lo, mais vezes do que alguma vez o disse. Sempre que o digo, ele retribui. Dizemo-lo tantas vezes, que perco a noção de quem está a repetir quem, mas continuamos a dizê-lo, outra vez, e outra vez, até que o irmão dele, o Trey, me toca no braço e diz que é altura de ir.

Ainda estamos a dizê-lo, enquanto nos beijamos pela última vez.

Ainda estamos a dizê-lo, enquanto nos abraçamos pela última vez.

Ainda estamos a dizê-lo, enquanto nos beijamos pela última vez,  
outra vez.

Ainda estou a dizê-lo...

# Capítulo Um

## *Auburn*

Assim que ele me diz o preço por hora, contorço-me na cadeira.

Jamais hei de conseguir pagar isto com os meus rendimentos.

— Não trabalha em escala móvel? — pergunto-lhe.

Ao tentar não franzir a testa, as rugas nos cantos da boca dele evidenciam-se. Flete os braços sobre a mesa de mogno e encosta as palmas das mãos, empurrando os polegares um contra o outro.

— Auburn, aquilo que me pede custa dinheiro.

Uau!... E novidades?

Recosta-se na cadeira e recolhe as mãos da mesa, pousando-as na barriga.

— Os advogados são como os casamentos. Recebe aquilo que paga.

Não tenho coragem para lhe dizer quão má é a analogia. Em vez disso, olho para o cartão de visita que tenho na minha mão. Tinha boas recomendações dele e sabia que seria caro, mas não tinha noção de que seria *assim* tão caro. Vou precisar de outro emprego. Talvez de outros dois empregos. Na verdade, vou ter de assaltar o raio de um banco.

— E não há garantia de que o juiz vá decidir a meu favor?

— A única coisa que posso prometer é que vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para que o juiz decida a seu favor. Segundo o processo de Portland, não está numa posição fácil. Vai levar algum tempo.

— Se há coisa que tenho, é tempo — murmuro. — Hei de voltar cá assim que receber o meu primeiro salário.

Ele marca-me uma reunião com a secretária dele e depois despacha-me para o calor do Texas.

Estou a viver cá há três semanas, e até agora foi tudo aquilo que pensei que seria: quente, húmido e solitário.

Cresci em Portland, no Oregon, e presumi que havia de passar o resto da minha vida por lá. Visitei o Texas uma vez, quando tinha 15 anos, e, embora a viagem não tenha sido particularmente agradável, não me arrependo de nem um segundo... Ao contrário de agora, que faria qualquer coisa para voltar para Portland.

Ponho os óculos de sol e começo a dirigir-me para o meu apartamento. A vida na Baixa de Dallas nada tem que ver com a vida na Baixa de Portland. Lá, pelo menos podia ir a pé para todos os locais interessantes da cidade. Dallas, pelo contrário, é vasta e dispersa. E já falei do calor? Está tanto calor! Mais, tive de vender o meu carro para comportar as despesas da mudança, portanto tenho de escolher um de dois: ou os meus pés ou transportes públicos — até porque agora estou a contar os tostões, a ver se consigo pagar ao advogado com quem acabei de me encontrar.

Nem consigo acreditar que chegou a isto. Não tenho clientela que chegue no salão, de maneira que vou mesmo ter de procurar um segundo emprego. O problema é que, graças aos horários erráticos da Lydia, não faço ideia de como hei de conciliar dois trabalhos.

Por falar na Lydia...

Marco o número de telefone dela e primo o botão esperando que ela atenda. Acaba por ir parar ao voicemail, e então considero: envio uma mensagem ou tento ligar-lhe de novo logo à noite? Ela apaga sempre as mensagens que recebe, de qualquer maneira, por isso desligo a chamada e volto a guardar o telemóvel na mala. Sinto um rubor subindo-me para o rosto, aquecendo-me o pescoço e as bochechas, e um ardor familiar nos olhos. É a décima terceira vez que volto para a minha nova casa, num Estado novo, numa cidade nova, cheia de nada, cheia de estranhos; mas estou decidida a fazer desta a primeira ocasião em que não choro quando chego à porta de entrada. Os meus vizinhos devem pensar que sou doida.

A viagem do trabalho para casa ainda é longa, e em longas caminhadas dá-me para refletir sobre a vida, e a minha vida faz-me chorar.

Paro e olho o meu reflexo numa janela espelhada para ver se borrei a maquilhagem. Não gosto do que vejo.

Uma rapariga que odeia as escolhas que fez.

Uma rapariga que odeia o trabalho dela.

Uma rapariga que tem saudades de Portland.

Uma rapariga que precisa desesperadamente de um segundo emprego, e, agora, uma rapariga que lê o anúncio «COLABORADORES PRECISAM-SE» afixado na montra para onde estava a olhar.

Colaboradores Precisam-se.  
Entre para se candidatar.

Dou uns passos atrás e inspeciono o edifício à minha frente. Venho por aqui todos os dias desde que cheguei e nunca reparei nele, provavelmente porque passo as minhas manhãs ao telefone e as minhas tardes com demasiadas lágrimas nos olhos para reparar em seja o que for.

## CONFISSÃO

É tudo o que está escrito. O nome leva-me a crer que talvez se trate de uma igreja, mas deixo essa ideia de parte assim que atento à série de janelas alinhadas na fachada do edifício. Estão todas cobertas de papelinhos de vários tamanhos e formas, o que me impede de ver lá para dentro. Neles figuram palavras e frases, escritas à mão, de caligrafias distintas. Aproximo-me e leio alguns deles.

*Sinto-me grata todos os dias por o meu marido e o seu irmão serem fisicamente iguais. Assim há menos possibilidades de vir a descobrir que o nosso filho não é dele.*

Levo a mão ao peito. Mas que raio é isto? Leio outro.

*Não falo com os meus filhos há quatro meses. Ligam-me no Natal e no meu aniversário, mas só nessas alturas. Não posso culpá-los. Fui um mau pai.*

E outro.

*O meu currículo é uma mentira. Não tenho licenciatura nenhuma. Há cinco anos que trabalho na empresa, e nunca ninguém me pediu satisfações.*

Estou boquiaberta, de olhos arregalados, a ler todas as confissões que o meu campo de visão abrange. Continuo sem saber o que é este edifício; não sei o que achar destas coisas prostradas nas janelas para que o mundo as veja, mas lê-las, de alguma maneira, apazigua-me. Se forem genuínas, então talvez a minha vida não seja tão má quanto penso.

Uns 15 minutos depois, passo para a segunda janela. Depois de ler a maior parte das confissões à direita da porta, esta abre-se. Desvio-me para evitar que me atinja, contendo uma vontade intensa de espreitar e ver o que há lá dentro.

Uma mão salta cá para fora e arranca o «COLABORADORES PRECISAM-SE». Dá para ouvir uma caneta a escrevinhar no letreiro de vinil. Mantenho-me quieta atrás da porta. Curiosa para ver quem e o que está ali dentro, começo a ladear a entrada, e de repente a mão espalma o letreiro na janela.

Colaboradores ~~Precisam-se.~~  
~~Entre para se candidatar.~~  
PRECISAM-SE DESESPERADAMENTE!!  
BATA NO RAIÓ DA PORTA!!

Solto uma gargalhada quando leio as correções. Talvez seja o destino. Preciso desesperadamente de um segundo emprego, e quem quer que tenha feito isto precisa desesperadamente de ajuda.

Logo a seguir, a porta abre-se mais ainda, e, de um momento para o outro, estou sob o escrutínio de um par de olhos com mais tonalidades de verde do que a t-shirt manchada de tinta que traz vestida, vos garanto. Afasta para trás o cabelo preto e forte pendurado na testa, o que revela mais do seu rosto. A princípio, tem os olhos largos e ansiosos, mas, depois de me convidar a entrar, deixa escapar um suspiro. Parece que acaba de se aperceber de que estou precisamente onde devia estar; parece aliviado por reconhecê-lo.

Durante vários segundos, perscruta-me o rosto. O meu corpo estremece, e eu desvio a cara: não porque me sinto desconfortável, mas porque a maneira como me olha é estranhamente reconfortante. É provavelmente a primeira vez em que me sinto bem-vinda desde que cheguei ao Texas.



— Estás aqui para me salvar? — pergunta, atraindo a minha atenção para os olhos dele de novo. Está a sorrir, a segurar a porta aberta com o cotovelo. O seu olhar percorre-me o corpo de alto a baixo, e não resisto a imaginar o que estará a pensar.

Olho de relance para o letreiro, e, entretanto, passo a pente fino todos os milhões de cenários que me ocorrem para a eventualidade de responder «Sim» àquela questão e de o acompanhar para o interior do edifício.

O pior deles culminaria em assassinato... o que não é por demais impeditivo, considerando o mês que tive.

— És quem está encarregado das contratações?

— Se fores tu a candidatar-te.

A voz dele é manifestamente amigável. Não estou habituada a amabilidades do género, portanto nem sei bem como reagir.

— Tenho algumas perguntas para fazer antes de concordar em ajudar-te — digo, orgulhosa de não me entregar de mão beijada à possibilidade de ser morta.

Ele leva a mão ao letreiro e arranca-o da janela. Atira-o lá para dentro e, com as costas, empurra a porta tanto quanto esta permite, e depois faz sinal para que eu entre.

— Não temos tempo para desperdiçar em perguntas, mas prometo que não te vou torturar, violar ou matar, se servir de alguma coisa.

Apesar do discurso, a voz dele persiste afável; assim como o sorriso, ostentando duas filas de dentes quase perfeitos, com um incisivo ligeiramente torto. Esse pequenino defeito, ainda assim, é a minha parte preferida nele, na verdade. Aliás, tanto isso como a sua indiferença às minhas perguntas. Odeio perguntas. Se calhar, isto até vai correr bem.

Suspiro e passo por ele para o interior do edifício.

— Em que raio é que me estou a meter? — murmuro.

— Em algo de que não vais querer sair — responde.

A porta fecha-se atrás de nós, dissipando toda a luz natural na sala. Não seria mau, caso houvesse iluminação interior, mas não é o caso. Vê-se apenas um brilho pálido vindo do fundo da sala, daquilo que parece um corredor.

Mal o cavalgar do meu coração me acusa da estupidez que foi entrar aqui com um estranho, as luzes começam a zumbir, a tremer e, por fim, ganham vida.

— Desculpa. — Sinto-lhe a voz rondando perto de mim, pelo que giro sobre o meu corpo quando as lâmpadas fluorescentes atingem a potência máxima. — Normalmente não trabalho nesta parte do estúdio, portanto desligo as luzes para poupar energia.

Agora que a área está toda iluminada, examino a sala. As paredes estão pintadas de um branco brilhante, decoradas com várias pinturas. Não consigo prestar-lhes grande atenção, uma vez que estão longe de mim e dispersas por todo o lado.

— Isto é uma galeria de arte?

Ele ri, algo que estranho, por isso viro-me para o encarar. Está a observar-me com olhos atentos e curiosos.

— Não ia tão longe quanto chamar a isto uma galeria de arte. — Dá meia-volta, fecha a porta de entrada à chave e passa por mim. — Que número vestes?

Ele percorre a extensa sala na direção do corredor.

Ainda não sei por que razão estou aqui, mas o facto de ele perguntar que número visto deixa-me um pouco mais preocupada do que há dois minutos.

Estará ele a tentar perceber que caixão será mais adequado para a minha estatura? A largura apropriada das algemas?

Ok... Estou bastante preocupada.

— Como assim? O meu tamanho de roupa?

Olha para mim ao andar para trás, ainda na direção do corredor.

— Sim, o teu tamanho de roupa. Não podes vestir isso hoje à noite — diz ele, apontando para as minhas calças de ganga e t-shirt.

Pelo movimento que faz com o corpo, sugere-me que o siga, subindo um lance de escadas para uma sala acima daquela onde estamos. Posso ter uma queda para incisivos tortos (e queridos), mas seguir estranhos para território desconhecido é ultrapassar os limites.

— Espera — digo eu, imóvel, ao início das escadas. Ele para e vira-se. — Podes ao menos dizer-me qual é o plano? É que estou a começar a reconsiderar esta decisão idiota de confiar num perfeito estranho.

Olha por cima do ombro, para onde quer que as escadas terminem, e depois devolve-me o olhar. Deixa escapar um suspiro exasperado antes de descer alguns degraus. Senta-se num deles, encara-me olhos nos olhos. Apoia os cotovelos nos joelhos e inclina-se para a frente, sorrindo calmamente.

— O meu nome é Owen Gentry. Sou pintor, e este é o meu estúdio. Tenho uma exposição a abrir dentro de uma hora e preciso de alguém que trate das vendas, e a minha namorada acabou comigo na semana passada.

Pintor.

Exposição.

Dentro de uma hora?

E namorada? Vá, não vou por aí.

Giro sobre os calcanhares, dou uma mirada ao estúdio e depois volto a olhar para ele.

— Tenho de fazer formação?

— Sabes usar uma calculadora?

Reviro os olhos.

— Sim.

— Pronto, formação terminada. Preciso de ti durante duas horas no máximo e depois dou-te os teus 200 dólares. A partir daí, estás por tua conta.

Duas horas.

Duzentos dólares.

Há aqui gato.

— Qual é a contrapartida?

— Não há contrapartida.

— Por que razão ias precisar de ajuda, já que pagas 100 dólares à hora? Tem de haver uma contrapartida. Devias estar atolado em candidaturas.

O Owen arrasta a palma da mão pela nuca, para a frente e para trás, como se a tentar dissipar a tensão.

— No dia em que acabou comigo, a minha namorada despediu-se de mim, mas não especificamente do trabalho dela. Há duas horas, devia ter aparecido para me ajudar a dar conta da exposição, e foi então que lhe liguei. É mais ou menos um biscate de última hora. Talvez tu estivesse à hora certa no sítio certo. — Levanta-se e dá meia-volta. Fico-me pelo fim das escadas.

— Fizeste da tua namorada empregada? Isso nunca é boa ideia.

— Fiz da minha empregada namorada. O que ainda é pior. — Mantém-se ao cimo das escadas, vira-se e fita-me. — Como é que te chamas?

— Auburn.

O seu olhar recai no meu cabelo, o que é compreensível. Toda a gente presume que me chamo Auburn por causa da cor do meu cabelo, mas, no máximo, é louro-morango. Descrivê-lo como vermelho é exagerado.

— Auburn apenas?

— Mason Reed.

O Owen inclina a cabeça para cima e expira longamente. Sigo-lhe o olhar a acompanhá-lo na contemplação do teto, mas nada vejo além de ladrilhos brancos. Leva a mão direita à testa, e depois ao peito, e prossegue o movimento para um ombro, e depois para o outro, e assim acaba de se benzer.

Que raio é que ele está a fazer? A rezar?

Olha para baixo, para mim, sorrindo.

— O teu nome do meio é mesmo Mason? — Aceno afirmativa. Tanto quanto sei, Mason é um nome vulgar, de maneira que não entendo o ritual. — Temos o mesmo nome do meio.

Perco uns instantes focada nele. Dou-lhe o benefício da dúvida.

— A sério?

Ele acena casualmente. Depois, tira a carteira do bolso de trás das calças, desce as escadas (mais uma vez) e mostra-me a carta de condução. Sim, de facto, o nome do meio dele é Mason.

Encerro os lábios com força e devolvo-lhe o cartão.

OMG.

Tento conter o riso, mas revela-se difícil. Por isso, na esperança de parecer discreta, cubro a boca com as mãos.

Ele enfia a carteira no bolso. As suas sobrancelhas elevam-se, e atira-me um olhar suspeito.

— És assim tão rápida?

Os meus ombros tremulam do riso que não consigo conter mais. Sinto-me tão, tão mal por ele.

Revira os olhos. Pela forma como tenta esconder o sorriso, parece estar embaraçado. Volta a dirigir-se para o topo das escadas com muito menos convicção do que ainda há pouco.

— É por isto que nunca digo a ninguém o meu nome do meio — murmura.

Sinto-me culpada por achar isto assim tão hilariante, mas a humildade que ele mostra consegue dar-me coragem para subir o resto das escadas.

— As tuas iniciais são mesmo OMG<sup>1</sup>? — Para que ele não veja o sorriso que estou a reprimir, mordo o interior da minha bochecha. Com força.

Finalmente chego ao topo da escadaria, e então ele ignora-me, de costas viradas, indo direito a uma cómoda. Abre uma das gavetas e deixa as mãos vasculharem-na, o que é ensejo para dar uma vista de olhos pelo quarto enorme. Tem uma cama gigante, provavelmente *king-size*, no canto do fundo. No canto oposto, está uma cozinha totalmente equipada, ladeada por duas portas, que levam a outros quartos.

Estou no apartamento dele.

Ele vira-se e arremessa-me um trapo preto. Apanho-o e desdobro-o e tenho uma saia nas mãos.

— Em princípio isso serve. Tu pareces vestir o mesmo número que a traidora. — Dirige-se ao armário e tira uma camisa branca dos cabides. — Vê se isto combina. Os sapatos que trazes calçados ficam bem.

Depois de ele me dar a camisa, dou uma olhadela às duas portas.

— A casa de banho? — Aponta para a porta da esquerda. — E se não me servirem? — pergunto. E se ele não me contratar por não ter a indumentária correta? Não se arranja 200 dólares em qualquer esquina.

— Se não servirem, queimamos tudo, incluindo o resto das coisas que ela deixou aqui.

Solto uma gargalhada e caminho na direção da casa de banho. Já lá dentro, acabo por nem prestar grande atenção à decoração, uma vez que começo de imediato a trocar de roupa. Servem-me perfeitamente, vá lá. Olho-me ao espelho... Credo! O meu cabelo. Nem parece que sou esteticista. Não o penteio desde que saí do apartamento de manhã, pelo que aproveito para lhe dar um jeito, arrumando-o num carrapito, com um dos pentes do Owen. Dobro as roupas que trazia vestidas e pouso-as na bancada.

Quando saio da casa de banho, vejo o Owen na cozinha, a encher dois copos de vinho. Devo dizer-lhe que estou a poucas semanas de ter idade suficiente para beber? Que se lixe. Sinto os meus nervos a ferverem por um copo de vinho.

— Servem — digo, aproximando-me dele.

---

<sup>1</sup> Também sigla de «Oh my God», ou seja, «Oh, meu Deus». [N. do T.]

Levanta os olhos para mim e observa-me a camisa durante muito mais tempo do que seria necessário para reconhecer que tem de facto o tamanho certo. Aclara a garganta e devolve o olhar ao vinho.

— Caem-te melhor a ti — diz ele.

Deslizo sobre o banco num esforço embaraçado de esconder o meu sorriso. Há algum tempo que não sou elogiada, e esqueci-me de quão bem me faz sentir.

— Isso não é verdade. Só estás desgostoso com o fim da relação.

Empurra-me um dos copos por cima da bancada.

— Não estou desgostoso, estou aliviado. E, sim, é verdade. — Em jeito de brinde, levanta o copo, e eu acompanho-o. — Às ex-namoradas e às novas empregadas.

Os copos tilintam, e eu rio-me.

— É melhor do que ex-empregadas e novas namoradas.

O copo dele detém-se nos seus lábios, enquanto ele me observa a beber um gole. Quando termino, ele ri-se e, por fim, bebe.

Assim que reponho o copo na bancada, sinto algo roçar-se à minha perna. O meu instinto é gritar, e é exatamente isso que acontece. Ou talvez o som que sai cuspidado da minha boca seja mais um gemido. De qualquer maneira, levanto ambas as pernas num pulo e, ao olhar para baixo, vejo um gato preto de pelo comprido a esfregar-se no banco em que estou sentada. Repouso as pernas no chão de novo e debruço-me sobre os meus joelhos para pegar no bichano ao colo. Não sei porquê, mas o facto de este tipo ter um gato ameniza-me a inquietação. Uma pessoa que tem um animal de estimação não pode ser perigosa, não é? Bom, talvez não seja uma justificação convincente para estar no apartamento de um perfeito estranho, mas faz-me sentir melhor.

— Qual é o nome do teu gato?

O Owen aproxima-se e afaga-lhe o pelo.

— *Owen*.

Mal o ouço, rio-me, mas a expressão dele mantém-se firme. Dou-lhe uns instantes para que se ria; não recebo resposta.

— O gato tem o teu nome? A sério?

Consigo notar um ténue sorriso formando-se-lhe no canto da boca quando ele olha para mim. Parece embaraçado, e o seu encolher de ombros confirma-o.

— Ela faz-me lembrar-me de mim.



Rio-me de novo.

— Ela? Chamaste *Owen* a uma gata?

Ele baixa o olhar para a *Owen-Gata*, ainda no meu colo, e continua a acariciar-lhe o pelo.

— Chiu — diz. — Ela consegue ouvir-te. Não a deixes complexada.

Como que a dar-lhe razão, sendo de facto capaz de entender o meu tom jocoso, a gata salta-me dos braços para o chão. Deixo de a ver, agora escondida por trás do balcão, e esforço-me para evitar arreganhar um sorriso. Adoro que ele tenha dado o seu nome à gata. Quem é que faz isso?

Pouso o braço na bancada e o queixo na mão.

— Então e o que é suposto eu fazer hoje à noite, OMG?

O Owen abana a cabeça. Pega na garrafa de vinho e arruma-a no frigorífico.

— Antes de mais, podes começar por não te referires de novo a mim pelas minhas iniciais. Se concordares com isso, dir-te-ei o que está planeado.

Devia sentir-me mal, mas ele parece estar a gostar.

— Combinado.

— Primeiro — diz ele, inclinando-se sobre a bancada —, quantos anos tens?

— Menos do que os necessários para beber vinho legalmente. — Engulo outro gole.

— Ups — reage ele, irónico. — O que é que fazes? Estás na universidade? — Pousa o queixo na mão, enquanto aguarda pelas minhas respostas.

— De que modo é que estas questões me vão ajudar no trabalho de hoje?

Ele sorri. Um sorriso que se revela excepcionalmente bonito quando acompanhado por meia dúzia de goles de vinho. Acena uma vez e levanta-se. Tira-me o copo da mão e coloca-o na bancada.

— Segue-me, Auburn Mason Reed.

Sigo a vontade dele, porque, por 100 dólares à hora, faço quase tudo. Quase.

Quando chegamos de novo ao piso principal, ele caminha para o centro da sala e levanta os braços num círculo. Acompanho-lhe o olhar enquanto perscruta a sala, imerso na sua vastidão. Aquilo que me salta à vista é o esquema da iluminação: cada luz está apontada a cada quadro

— que no seu todo adornam as paredes brancas e ofuscantes do estúdio —, o que dá primazia às obras de arte, e a nada mais. Bem, na verdade *não há* mais nada por aqui. Só paredes, brancas do rodapé ao teto, chão de cimento polido... e arte. É simultaneamente simples e espantoso.

— Este é o meu estúdio. — Pontua o discurso e aponta para uma pintura. — Aquilo é arte. — Aponta para um balcão do lado oposto da sala. — Ali é onde vais estar durante grande parte do tempo. Eu trato de vestir o quarto, e tu tratas das aquisições.

Ele explica tudo de forma tão casual, como se aquilo estivesse ao alcance de qualquer pessoa. Entretanto, está de mãos apoiadas nas ancas, à espera de que eu absorva toda a informação.

— Que idade tens? — pergunto-lhe.

Os olhos dele estreitam-se, e ele baixa a cabeça ligeiramente antes de desviar o olhar.

— Tenho 21. — Di-lo como se o embaraçasse. Dá a impressão de que a conjugação entre a sua tenra idade e aquilo que aparenta ser uma carreira bem-sucedida não o apraz.

Teria dito que era muito mais velho. Os seus olhos não têm 21 anos. São escuros e profundos; de repente sinto urgência de mergulhar no seu âmago para conseguir ver tudo o que ele já viu.

Finalmente, presto atenção às obras. Dirijo-me à que está mais próxima de mim e, enquanto caminho, quanto mais perto me chego, mais mestria descubro por detrás de cada pincelada. Quando a alcanço, não resisto a inspirar fundo.



De algum modo, é simultaneamente triste e empolgante e bonita. A pintura retrata uma mulher que, julgo, parece conciliar amor e vergonha e quaisquer emoções entre estas duas.

— O que usas além de acrílico? — pergunto eu, ao aproximar-me. Percorro a tela com o meu dedo, e os passos dele abeiram-se de mim. Para ao meu lado, mas estou imersa demais no quadro para o olhar.

— Uso vários materiais, como acrílico ou tinta em spray. Depende de pintura para pintura.

Há um pedaço de papel junto à pintura, que me chama a atenção. Leio-o.

*Às vezes pergunto-me se morrer custaria menos do que ser mãe dele.*

Toco ao de leve no papel e depois recolho o olhar para o quadro.

— Uma confissão?

Quando me viro e o encaro, o seu sorriso já lá não está. Tem agora os braços firmemente cruzados e o queixo colado ao peito, e olha para mim como que esperando que a minha reação valide o trabalho dele.

— *Yep* — diz somente.

Olho de relance para a janela, para todos os pedaços de papel que cobrem o vidro. O meu olhar percorre a sala ao redor, correndo todas as pinturas, e reparo que aquelas tiras de papel se abeiram de todos os quadros.

— São todas confissões — digo admirada. — São genuínas? De pessoas tuas conhecidas?

Ele abana a cabeça e dirige-se à porta de entrada.

— São todas anónimas. As pessoas inserem as confissões naquela ranhura, e eu uso algumas delas como inspiração para a minha arte.

Posiciono-me em frente ao quadro seguinte e, ainda antes de analisar a pintura, leio a confissão correspondente.

*Não deixo que ninguém me veja sem maquilhagem. Tenho tanto medo do que será a minha aparência no meu funeral. Quase de certeza que vou escolher a cremação: as minhas inseguranças estão gravadas tão profundamente em mim, que me hão de seguir para a eternidade. Agradeço-te por isso, mãe.*

De imediato atento ao quadro.



— É incrível — sussurro enquanto giro sobre os meus calcanhares para ver mais daquilo que ele criou.

Caminho até à janela das confissões e descubro uma escrita a vermelho e realçada com marcador.

*Tenho medo de nunca mais deixar de comparar a minha vida sem ele à minha vida quando ele ainda era meu.*

Não sei bem se estou mais fascinada pelas confissões, pela arte ou por conseguir rever-me em tudo isto. Sou uma pessoa bastante reservada, portanto é raro partilhar os meus pensamentos com quem quer que seja, independentemente de quão útil me possa ser. Estar diante destes segredos e saber que estas pessoas quase de certeza nunca os contaram — nem o hão de fazer — a ninguém faz com que me sinta parte deles. Faz com que me sinta compreendida.

Na verdade, de certa maneira, tanto o estúdio como as confissões recordam-me o Adam.

«Conta-me algo sobre ti que mais ninguém saiba. Algo a que eu possa agarrar-me.»

Odeio como associo o Adam a tudo o que vejo ou faço, e não sei se alguma vez conseguirei ignorá-lo. Já lá vão cinco anos desde que o vi pela última vez. Cinco anos desde que morreu. Cinco anos, e, à semelhança

desta confissão, à minha frente, continuo a pensar se alguma vez deixarei de comparar a minha vida enquanto ele existiu com a minha vida depois de ele desaparecer.

E a pensar se alguma vez não ficarei dececionada.

# Capítulo Dois

*Owen*

Ela está aqui. Aqui mesmo, no meu estúdio, com o olhar fixo na minha arte. Nunca pensei que fosse vê-la novamente. Tinha-me convencido de que a probabilidade de nos voltarmos a encontrar era ínfima, portanto nem me recordo da última vez em que pensei nela.

Ainda assim, aqui está ela, mesmo à minha frente. Quero perguntar-lhe se se lembra de mim, mas tenho a certeza de que não faz ideia. Como poderia, se nunca sequer trocámos uma palavra?

Eu lembro-me dela, porém. Lembro-me do seu riso, da sua voz, do seu cabelo, embora este na altura fosse bem mais curto. E, embora então sentisse que a conhecia bem, nunca fiquei com uma ideia clara do rosto dela. Agora, que a vejo de perto, tenho de me esforçar para não ser invasivo ao perscrutá-la. Não por causa da sua beleza despretensiosa, mas porque corresponde exatamente àquilo que imaginava. Uma vez tentei pintá-la, mas não me recordava suficientemente da sua imagem para conseguir acabar a obra; algo me diz que vou tentá-lo de novo após esta noite. E já decidi o título: *Mais do Que Uma*.

Ela muda o foco para outra pintura, e eu desvio o olhar para que não me apanhe a observá-la. Não quero tornar óbvio que estou a combinar cores e suas quantidades mentalmente para obter o tom de pele excecional dela, ou a tentar decidir entre pintá-la com o cabelo solto e disperso ou apanhado.

Há tantas coisas para fazer além de olhar para ela. *O que raio devia eu estar a fazer?* Tomar banho. Vestir-me. Aprontar-me para receber as pessoas que hão de aparecer ao longo das próximas duas horas.

— Preciso de tomar um duche — digo. Ela vira-se rapidamente, como se a tivesse assustado. — Põe-te à vontade. Falamos sobre o planeamento quando estiver despachado. Não vou demorar.



Ela acena e sorri, e pela primeira vez penso: *Hannah? Quem é a Hannah?*

Hannah, a rapariga que contratei para me ajudar. Hannah, a rapariga que não era a minha prioridade e que não conseguia lidar com isso. Hannah, a rapariga que acabou comigo na semana passada.

Espero que a Auburn não seja como a Hannah.

Ela tinha tantas coisas de que eu não gostava. Não é assim que deve ser. A Hannah deixava-me frustrado quando falava, por isso passávamos muito tempo calados. Tinha o hábito exasperante de lembrar que o nome dela era o mesmo quando lido ao contrário. «Um palíndromo», notei eu quando ela mo disse pela primeira vez. Respondeu-me com um olhar confuso, e foi então que percebi que nunca seria capaz de a amar. Que desperdício de palíndromo, aquela Hannah.

Mas consigo ver que a Auburn não é como ela. Sinto-o. Vejo camadas e camadas de sensibilidade nos seus olhos. Vejo a minha arte a comovê-la, pela maneira como se concentra nela e ignora tudo o resto. Espero mesmo que não seja como a Hannah, de todo. As roupas dela até lhe caem melhor. Deve ficar ainda mais bonita com as outras saias.

Saias. Outro palíndromo.

Entro na casa de banho e demoro-me a olhar para as suas roupas. Regresso ao andar de baixo; quero dizer-lhe que não se incomode, que leve as *suas próprias* roupas para hoje à noite, não as da Hannah. Quero que seja ela própria, que esteja confortável. Porém, os meus clientes, ricos e elitistas, vêm à espera de saias pretas e camisas brancas, não de calças de ganga e blusas cor-de-rosa (isto é cor-de-rosa ou vermelho?), que me lembram a Prof.<sup>a</sup> Dennis, que me ensinou sobre arte no liceu.

A Prof.<sup>a</sup> Dennis adorava arte. E também adorava artistas. Um dia, quando notou quão extraordinariamente talentoso eu era — ou julgava que eu era — defronte da tela, a Prof.<sup>a</sup> Dennis adorou-me. Nesse dia, recordo-me, a camisa dela era cor-de-rosa ou vermelha, talvez uma mistura das duas, não sei, e é disso que me lembro quando olho para a blusa da Auburn. *Prof.<sup>a</sup> Dennis... Quem?*

Ela não era um palíndromo. Mas, o nome dela lido ao contrário fazia sentido — era adequado — *Sinned*<sup>2</sup>, que foi precisamente o que fizemos.

---

<sup>2</sup> *Sinned*, palíndromo de Dennis, é o particípio passado de *to sin*, «pecar» em inglês. [N. do T.]

Pecámos. Ela mais do que eu, mas pecámos. Durante uma hora.

E não julguem que não transformei essa confissão numa pintura. Até foi uma das primeiras que vendi. Intitulei-a *Ela Pecou Comigo. Hallelujah.*

Adiante. Não quero pensar no liceu nem na Prof.<sup>a</sup> Dennis nem na Hannah, a Palíndroma, porque são passado e agora é presente, e a Auburn é... algo entre os dois. Chocá-la-ia saber quanto do passado dela influenciou o meu presente, razão pela qual não a hei de deixar saber isso. Há segredos que não devem tornar-se confissões. Sei isso melhor do que ninguém.

Não sei como reagir agora, que acabou de me aparecer à porta, de olhos arregalados e serenos, principalmente porque já nem sei no que crer. Há meia hora, acreditava em coincidências e acasos. Agora? Agora, a ideia de descrever a presença dela aqui enquanto mera casualidade é risível.

Quando regresso e desço as escadas, vejo-a imóvel que nem uma estátua, concentrada na pintura intitulada *Não Existes, Deus. E Se Existes, Devias Ter Vergonha.*

Não fui eu que lhe dei o nome, como é óbvio. Nunca sou eu quem dá o nome às obras; são todas intituladas pelas confissões anónimas que as inspiram. Não sei porquê, esta, em particular, inspirou-me a pintar a minha mãe. Pinte-i-a não como me recordava dela, mas, sim, como imaginava que seria com a minha idade. Além disso, a confissão não me provocava reminiscências suas por causa da concepção religiosa em questão: as palavras evocavam apenas o que senti nos meses seguintes à morte dela.



Não sei se a Auburn acredita em Deus, mas há algo nesta pintura que a cativa. Uma lágrima desliza pelo seu rosto, até ao maxilar.

Ela deve ter-me ouvido, ou talvez visto a aproximar-me, e reage ao limpar a maçã do rosto com as costas da mão e a inspirar profundamente. Parece envergonhada por se ter comovido com a obra — quiçá por eu a ter visto comover-se.

Não lhe pergunto o que pensa sobre o que vê nem por que razão está a chorar. Fico somente ao seu lado, observando em conjunto. Tenho este quadro há um ano e decidi ontem incluí-lo na exposição de hoje. Normalmente, não os mantenho durante tanto tempo assim, mas, por razões intangíveis, foi-me mais difícil desistir deste do que dos outros. É duro deixá-los para trás, mas custa mais com uns do que com outros.

Porventura porque receio que, longe da minha guarida, as pinturas não serão entendidas convenientemente. Que não serão reconhecidas convenientemente.

— Que duche rápido — diz ela.

Ainda que não tenhamos falado desde que me ausentei, ela tenta mudar de assunto. Ambos sabemos que, mesmo que tenhamos estado calados, a ordem do momento foi o choro silencioso dela e aquilo que o provocou e *por que razão gostas tanto desta obra, Auburn?*

— Não costumo demorar-me muito no banho — respondo eu, e apercebo-me de que a minha resposta foi insípida e frouxa e... *Por que raio estou a tentar impressioná-la?*

Viro-me e encaro-a, e ela faz o mesmo, não sem antes baixar o olhar em gesto de embaraço, por a ter visto comover-se com a minha arte. Adoro que ela o tenha feito, porque adoro que esteja envergonhada. Para que fiquemos envergonhados, primeiro é preciso importarmo-nos com o que o outro pensa de nós.

Conclusão: ela importa-se com a minha opinião sobre ela, mesmo que intimamente. E gosto muito disso, porque, como é óbvio, a opinião que ela tem de mim importa-me — senão não estaria a cruzar os dedos mentalmente para que ela nada faça ou diga que me lembre da Hannah, a Palíndroma.

A seguir rodopia devagar sobre si mesma, e esforço-me para pensar e dizer algo menos irrelevante do que aquilo. Mas não vou a tempo — e os seus olhos já encontraram os meus, e parece esperar que seja eu a arranjar confiança para quebrar o gelo.

Vou quebrar o gelo, embora não ache que ser ou não seguro de mim mesmo tenha algo que ver com isso.

Olho de relance para o pulso para ver as horas (*Caramba! Nem sequer tenho o relógio posto.*), e apronto-me a coçar uma comichão inexistente para camuflar a falta de confiança.

— Vamos abrir dentro de 15 minutos, portanto vou explicar-te como é que isto funciona.

Ela expira, e aparenta agora estar mais aliviada e relaxada do que antes de eu falar.

— Parece-me bem — responde.

Dirijo-me à *Não Existes, Deus* e aponto para a confissão colada à parede.

— As confissões são também os títulos das obras respetivas. Os preços estão escritos no verso. Só tens de tratar da venda, de recolher as informações para a entrega da pintura ao cliente num formulário e de lhe juntar a confissão, e assim sei para onde a enviar.

Ela acena e fixa o olhar na confissão. Julgo que queira vê-la, portanto tiro-a da parede e entrego-lha, e ela lê-a de novo, antes de virar o cartão.

— Achas que as pessoas compram as suas próprias confissões?

Estou certo disso. Já houve pessoas a dizerem-me que foram elas a escrever certa confissão.

— Sim, mas prefiro não saber.

Parece olhar-me como se eu fosse louco, embora lhe denote um certo fascínio. Aceito-o.

— Por que razão preferes não saber?

Encolho os ombros, e o olhar dela recai-me no ombro e talvez até se passeie pelo meu pescoço. Quando me observa desta maneira, imagino o que estará a pensar.

— Sabes quando ouves uma banda na rádio e crias uma imagem na tua cabeça de como será? — pergunto-lhe. — E depois vês uma fotografia ou um vídeo dos elementos do grupo, e não têm nada que ver com o que imaginavas? Não é que sejam necessariamente melhores ou piores do que o que pensavas... só diferentes. — Ela acena compreensivamente. — É o que sinto quando pinto um quadro e alguém me diz que foi a sua confissão que o inspirou. Enquanto estou a pintar, acabo por criar uma história na minha cabeça acerca do que inspirou a confissão e de quem a fez. Mas depois, quando vejo que a imagem que me

assoberbava, da pessoa e da história da confissão, não se enquadra com aquela que tenho à minha frente, a arte perde valor, de certa maneira.

Ela sorri e baixa o olhar de novo.

— Há uma música chamada *Hold On*, dos Alabama Shakes — diz, a caminho de explicar o motivo para as suas maçãs do rosto ruborizadas. — Passei um mês a ouvi-la sem ter ideia do vídeo, e quando o vi reparei que o vocalista era uma mulher. Ca-ra-ças!

Solto uma gargalhada. Ela sabe perfeitamente do que falo — e não consigo conter o riso, porque conheço a banda e não entendo como é que alguém havia de julgar que o vocalista era um homem.

— Mas ela até diz o seu nome na música, não diz?

Ela encolhe os ombros, atraindo o meu olhar para eles.

— Pensava que ele se estivesse a referir a outra pessoa — remata, ainda a tratar o vocalista por «ele», embora já saiba que é uma «ela».

Os seus olhos flutuam pelo espaço, e ela contorna-me a caminho do balcão. Ainda leva a confissão na mão, e não a impeço de o fazer.

— Alguma vez pensaste em vender a pessoas anónimas?

Ando até ao lado oposto do balcão e debruço-me para perto dela.

— Bom, nem por isso.

Por cima da bancada, os seus dedos vasculham entre a calculadora, os formulários e os meus cartões de visita, e pega num destes.

— Devias pôr confissões na parte de trás.

Assim que acabam de o dizer, os lábios dela enrijecem de tensão. Provavelmente pensa que me ofendeu com a sua sugestão, mas não tem de se preocupar.

— Que benefício é que me ia trazer, isso de vender a gente anónima?

— Bom — começa, numa incursão cuidadosa —, se fosse uma dessas pessoas, que tivessem escrito uma destas — e destaca a confissão com a mão —, eu ia ter demasiada vergonha para a comprar. Não ia querer que soubesses que tinha sido eu a escrevê-la.

— Julgo que muito pouca gente que me tenha cedido uma confissão acabe por aparecer.

Ela entrega-me a confissão, por fim, e depois cruza os braços sobre a bancada.

— Mesmo que não tivesse escrito a confissão, eu ia ficar demasiado envergonhada para comprar a pintura por ter medo de que presumisses que tinha sido eu a escrevê-la.

Até tem razão.

— Acho que as confissões acrescentam um tipo de genuinidade às tuas pinturas que não se encontra noutras obras de arte. Se uma pessoa entra numa galeria qualquer e vê um quadro com que se identifique, pode comprá-lo. Mas se uma pessoa entra na tua galeria e vê uma pintura ou confissão com que estabeleça uma ligação, provavelmente não vai querer senti-la. Ainda assim, sente-a. E essa pessoa fica envergonhada por se identificar com uma pintura sobre uma mãe que admite não amar o seu próprio filho. Mais: ao entregar o cartão com a confissão a quem lhe está a vender o quadro, está basicamente a dizer-lhe: *Identifico-me com esta declaração de culpa execrável*.

Estou notoriamente admirado com ela. Ainda assim, tento dissimular o meu fascínio enquanto a encaro; recomponho-me, mas tenho dificuldade em ignorar esta vontade de mergulhar na sua mente. De fermentar nos seus pensamentos.

— Estás a ganhar a discussão.

Ela sorri para mim.

— Quem é que está a discutir?

Não nós. Definitivamente, não estamos.

— Vamos fazê-lo, então — digo-lhe. — Vamos atribuir um número a cada pintura, e assim as pessoas trazem-te o número em vez do cartão com a confissão. Dá uma sensação de anonimato.

Enquanto contorno o balcão para a alcançar, não consigo deixar de reparar em todos os pormenores da sua reação. Endireitou-se e inspirou fugazmente. Pego num pedaço de papel ao abeirar-me dela e depois estico-me à sua frente para chegar à tesoura. Nisto tudo, não lhe olho o rosto, mas noto que ela me observa curiosa, quase como que a desejar reciprocidade.

Dou uma olhadela rápida à sala e começo a contar os quadros... antes de ela me interromper.

— São 22. — Parece quase envergonhada por saber na ponta da língua quantas pinturas há, já que rapidamente desvia o olhar e aclara a garganta. — Já as tinha contado... enquanto estavas no duche. — Tira-me a tesoura das mãos e começa a cortar o papel. — Tens um marcador preto?

Procuro-o e coloco-o na bancada.

— Por que razão achas que devia ter confissões nos meus cartões de visita?

Ela continua a cortar quadrados meticulosamente enquanto me responde.

— As confissões são fascinantes. Fazem o teu estúdio distinguir-se de tudo o resto. Se tiveres confissões nos teus cartões, hão de despertar a curiosidade.

Tem razão. Outra vez. Como é que eu nunca tinha pensado nisso? Deve ser formada em Gestão ou coisa que o valha.

— Em que é que trabalhas, Auburn?

— Sou cabeleireira num salão de estética a uns quarteirões daqui. — Diz sem orgulho. Sinto-me triste por ela.

— Devias tirar um curso em Gestão. — Não obtenho resposta, o que me deixa receoso de a ter insultado e à profissão dela. — É claro que cortar cabelo tem o seu mérito — digo. — Só acho que tens vocação para os negócios.

Pego no marcador preto e começo a escrever números nos quadrados — do 1 ao 22, porque foi este o número de pinturas que ela disse que havia, e confio suficientemente nela para não as contar.

— Quando é que o estúdio abre ao público? — Como é óbvio, ignorou totalmente o meu insulto/elogio quanto à sua situação profissional.

— Na primeira quinta-feira do mês.

Devolve-me um olhar perplexo.

— Só uma vez por mês?

Aceno.

— Isto não é bem uma galeria de arte, já to tinha dito. Não exponho outros pintores e raramente estou disponível. É só uma coisa que comecei há uns anos e, olha, resultou mais ou menos, em especial depois de ter figurado numa capa do *Dallas Morning News*, no ano passado. Desenrasco-me quanto baste nessa noite por mês para fazer a vida.

— Mas que bom! — responde, genuinamente admirada. Nunca fui gajo de tentar impressionar quem quer que fosse, mas ela faz-me sentir orgulhoso de quem sou.

— Tens um limite mínimo de pinturas expostas?

Adoro que esteja tão interessada.

— Não. Uma vez, há coisa de três meses, abri só com um quadro. Ela vira-se para me olhar diretamente.

— Porquê só um?

Encolho os ombros casualmente.

— Faltou-me inspiração nesse mês.

Não é a verdade. Foi quando comecei a andar com a Hannah, a Palíndroma, e passei grande parte desse mês dentro dela, concentrado no corpo da rapariga para ignorar quão diferente era a mente dela da minha. Mas a Auburn não precisa de saber nada disso.

— Qual foi a confissão? — O olhar que lhe lanço é de dúvida, porque não sei se entendo exatamente o que ela me perguntou. — O quadro que pintaste nesse mês — explica. — Qual foi a confissão que o inspirou?

Recuo a esse mês e repenso a única confissão que, julgo, queria pintar. Ainda que não tenha sido essa, de algum modo sinto que foi, agora que ela me pede para falar sobre isso.

— A pintura tinha o título *Quando Estou Contigo, Penso em Todas as Coisas Incríveis Que Podia Fazer, Se Estivesse sem Ti*.

Mantém-se concentrada em mim, e vejo-a enrugar as sobrancelhas como se estivesse a tentar imaginar a minha história a partir da confissão. Instantes depois, essa expressão relaxa e vai desvanecendo até ser substituída por um ar pesaroso.

— Isso é mesmo triste — diz.

Ou desvia o olhar para dissimular quanto a confissão a incomodou, ou para disfarçar a tentativa dela de me decifrar a partir da confissão. Seja como for, desvia o olhar, e desvia-o para as pinturas mais próximas de nós, e assim já não me fita diretamente. Aparentemente estamos a jogar à apanhada, e os quadros são o coito.

— Então deves ter estado mesmo muito inspirado este mês, porque 22 é um número jeitoso. É quase uma pintura por dia.

Quero responder algo como «Então espera para veres o mês que vem», mas não o faço.

— Algumas destas pinturas já são antigas. Não foram todas feitas neste mês.

Acerco-me dela de novo, por causa da fita-cola, mas agora é diferente. Diferente porque lhe toco por acidente no braço com a mão, e tecnicamente não lhe tinha tocado até ao momento. No entanto, acabámos mesmo de nos tocar, e ela é definitivamente real, e reajo escoando a tensão para a fita-cola, ao apertá-la com força, porque quero mais daquilo que ela inconscientemente me deu.

Quero perguntar «Também sentiste isto?», mas não preciso, já que lhe vejo um arrepio a atravessar-se pelo braço. Sinto o desejo de pousar



a fita-cola e de tocar num daqueles altos minúsculos que provoquei na sua pele.

Ela aclara a garganta e, dando um curto passo atrás, afasta-se da nossa intimidade e achega-se à vastidão da sala.

Respiro de alívio pelo espaço que ela nos dá. Parece desconfortável; sinceramente, eu próprio estava a ficar desconfortável, posto que ainda não consigo conceber que ela está mesmo aqui.

Se tivesse de adivinhar, diria que ela é do tipo introvertido. Pouco acostumada a estar junto de pessoas e muito menos de estranhos. É muito parecida comigo. Solitária, introspetiva, artista de si mesma.

E julgo que esteja receosa de que eu transtorne a sua tela, caso deixe que me aproxime demasiado dela.

Ela não precisa de se preocupar. O sentimento é recíproco.

\*\*\*

Passamos os 15 minutos seguintes a pendurar os números por baixo das pinturas. Vou observando a forma como escreve cada confissão num pedaço de papel e a associá-la ao número respetivo. Fá-lo como se toda a vida o tivesse feito. Deve ser daquelas pessoas polivalentes, com jeito para tudo. Tem talento para a vida.

— As pessoas aparecem sempre que abres? — pergunta ela, enquanto voltamos para o balcão. Adoro o facto de ela não fazer ideia do que é o meu estúdio ou a minha arte.

— Chega aqui.

Dirijo-me para a porta da frente, afagando-lhe com um sorriso a inocência e a curiosidade. Trazem-me à memória a nostalgia da primeira noite em que expus, há três anos. Ela traz-me de volta parte desse entusiasmo, e oxalá que tudo fosse sempre assim.

Quando alcançamos a porta, arranco uma das confissões da janela para que ela possa espreitar para a rua: os seus olhos arregalam-se quando se apercebe do comprimento da fila de gente que eu sabia que iria estar lá fora. Nem sempre foi assim, claro. Começou após a reportagem de primeira página do jornal, no ano passado, e de boca em boca fui aumentando a afluência. Tenho tido muita sorte.

— Exclusividade — sussurra ela, ao dar um passo atrás.

Colo a confissão na janela outra vez.

— Como assim?

— É por isso que tens tanto sucesso, porque limitas o número de dias em que abres e a quantidade de quadros que pintas por mês. Aos olhos das pessoas, isso faz com que a tua arte valha mais.

— Queres dizer que não é por causa do meu talento que tenho sucesso? — Tempero a pergunta com um sorriso para que perceba o meu tom jocoso.

Ela dá-me um empurrão no ombro na brincadeira.

— Oh, tu sabes o que eu quero dizer.

Queria que me empurrasse o ombro de novo — gostei tanto do jeito como sorriu quando o fez —, mas, em vez disso, dá meia-volta, encara o espaço vazio do estúdio e inspira longamente. Será que toda aquela gente a deixou ansiosa?

— Estás pronta?

Ela acena e obriga-se a sorrir.

— Pronta.

Abro as portas. Avalanche de gente. Grande multidão hoje. Aos primeiros minutos, preocupa-me que isso a intimide; porém, independentemente de quão introvertida e tímida parecesse quando apareceu aqui, agora mostra-se o oposto. Floresceu, como se isto fosse a sua zona de conforto, quando é provável que nunca tenha estado em situação semelhante.

Jamais o poderia afirmar perante a sua prestação, no entanto.

Durante a primeira meia hora, ela envereda-se pelos convidados e com eles discorre sobre algumas das obras e confissões. Consigo reconhecer algumas caras, mas não me dou com grande parte deles. Ela, por seu lado, age como se sempre os tivesse conhecido. Pouco depois, assim que nota uma pessoa a recolher o número 5, regressa ao balcão. O número 5 está associado à pintura intitulada *Fui para a China durante Duas Semanas e não Falei a Ninguém sobre Isso. Quando Voltei, Ninguém Reparou Que Me Tinha Ido embora*.

Ao efetuar a sua primeira venda, lança-me um sorriso, do lado oposto da sala. Prossigo na minha tarefa de entreter a multidão, ao mesmo tempo zelando por ela pelo canto do olho. Hoje, as atenções estão viradas para a minha arte, mas a minha, em particular, está virada para ela. Ela, sim, é a obra mais interessante nesta sala.

— O seu pai vai aparecer hoje, Owen?

Desvio o olhar dela quanto baste para responder com um aceno ao juiz Corley.

— Ele hoje não consegue vir — minto-lhe.

Se ele quisesse saber de mim, teria conseguido vir.

— Que pena — diz o juiz. — Vou redecorar o meu escritório, e ele sugeriu-me que passasse por cá para ver se encontrava alguma coisa.

O juiz Corley é um homem com pouco mais de metro e meio, mas um ego duas vezes maior. O meu pai é advogado e passa imenso tempo no tribunal na Baixa, onde fica o escritório do juiz Corley. Sei disto porque o meu pai não é grande fã dele, e, não obstante o aparente interesse do juiz, ele decerto não é grande fã do meu pai.

Chamo-lhe «amizade superficial», de certo modo é uma amizade de mera fachada e, no fundo, malquerença. O meu pai tem muitas dessas. Julgo que seja um dos efeitos colaterais da advocacia.

Eu, pelo contrário, não tenho nenhuma. Não quero ter nenhuma.

— Tens um talento excecional, mas não é bem o meu gosto — diz o juiz Corley, ao contornar-me para analisar outra pintura.

Quando dou por isso, já passou uma hora. Ela tem estado ocupada — e, mesmo quando não está, arranja alguma coisa para fazer. Ao contrário da Hannah, a Palíndroma, ela não se limita a sentar-se ao balcão e fazer frete. A Hannah era uma perfeccionista no que tocava à arte do tédio: tanto limou as unhas durante as duas exposições em que me ajudou, que fiquei surpreendido por ainda ter pontas dos dedos quando as pessoas foram embora.

A Auburn não parece aborrecida, felizmente. Até parece estar a divertir-se. Em não tendo gente para atender ao balcão, está de pé junto dos convidados, conversando e rindo de piadas que sei que ela acha comezinhas.

De repente, repara no juiz Corley a aproximar-se da mesa com um número em sua posse. Mostra-lhe um sorriso e diz algo, a que ele responde com um grunhido. Quando baixa o olhar para o cartão, noto-lhe os lábios desgostosos, que rapidamente dissimula com um sorriso amarelo. Os olhos dela atiram-se por um instante à pintura *Não Existes, Deus...*, e percebo de imediato a expressão dela. O juiz Corley vai comprar aquele quadro, e ela sabe tão bem quanto eu que ele não o merece. Rapidamente, abeiro-me do balcão.

— Houve um mal-entendido. — O juiz olha incomodado para mim, e a Auburn encara-me surpresa. Tiro-lhe o número da mão. — Esta pintura não está à venda.

Ele suspira indignado e aponta para o cartão, agora na minha mão.

— Bom, o número ainda estava na parede. Acho que isso indica que está à venda.

Guardo-o no bolso.

— Vendemo-la antes de abrir — digo. — Aparentemente esquecemo-nos de o retirar. — Gesticulo na direção de algumas das poucas pinturas que restam, atrás dele. — Alguma destas serve o propósito?

Responde-me com um revirar de olhos e volta a levar a carteira ao bolso.

— Não, não serve — diz. — Mas gostei do cor de laranja da outra pintura. Combina com o tom do couro do sofá no meu escritório.

Ele gostou dela por causa «do cor de laranja». Credo, ainda bem que a resgatei a tempo.

O juiz aproxima-se de uma mulher a alguns metros de nós.

— Ruth — diz —, amanhã passamos pela Pottery Barn. Não gosto de nada aqui.

Observo-os a partirem, e depois viro-me e encontro o rosto da Auburn. Ela sorri sarcasticamente.

— Não o conseguiste deixar levar o teu bebé, pois não?

Suspiro de alívio.

— Nunca havia de me perdoar.

Alguém passa por trás de mim e captura o olhar dela, portanto desvio-me e deixo-a passar e fazer a sua magia. Meia hora depois, já a maior parte das pinturas fora comprada, e a última pessoa sai para a escuridão da rua. Acompanho-a e fecho a porta.

Está ela ainda a organizar as vendas atrás do balcão quando eu me viro. Sorri largamente, sem o tentar esconder. Fossem quais fossem as ansiedades com que entrou no estúdio, agora não a atormentam. Agora, ela está feliz, e é contagioso.

— Vendeste 19! — diz, quase num guincho. — OMG, Owen. Tens noção de quanto dinheiro acabaste de fazer? E de que acabei de empregar as tuas iniciais na minha frase?

Solto uma gargalhada, porque, sim, sei quanto dinheiro acabei de fazer, e, sim, reparei que ela empregou as minhas iniciais na sua frase.

Mas não me importo. Foi adorável. E ela tem decerto uma aptidão natural para o negócio, porque, sinceramente, eu nunca tinha vendido 19 pinturas numa noite.

— Então... — começo, com a esperança de que esta não seja a derradeira vez — vais estar ocupada no mês que vem?

Já tinha um sorriso rasgado, mas a minha proposta alargou-lho ainda mais. Abana a cabeça e levanta o olhar para mim.

— Por 100 dólares à hora, nunca estou ocupada. — Ela continua a contar o dinheiro, agrupando as notas em maços. Aproveita e pega em duas das notas de 100 e agita-as no ar. — Estas são minhas — e insere-as dobradas no bolso da camisa dela (ou da Hannah, a Palíndroma).

O encanto desta noite começa a desvanecer-se assim que me apercebo de que acabou. Sinto-me perdido ao tentar, de alguma maneira, prolongar o tempo junto dela. Não estou preparado para a deixar ir embora, mas lá está ela, a organizar o dinheiro, a amontoar notas na bancada.

— Já passa das 9 horas — digo. — Deves estar esfomeada.

Valho-me disto para sugerir um eventual jantar; porém, a resposta é o escancarar das suas pálpebras e o desaparecer do seu sorriso.

— Já passa das 9?! — A voz dela transborda pânico, e ela de imediato dá meia-volta e corre na direção das escadas. Sobe-as de dois em dois degraus; não a sabia capaz de incorporar tanta pressa.

Assim vai, assim espero que venha, mas a verdade é que não, o que me leva a aproximar-me das escadas. Ao abeirar-me do primeiro degrau, consigo ouvir a voz dela.

— Desculpa, desculpa — diz. — Eu sei, desculpa. — Silêncio durante alguns instantes. Depois um suspiro. — OK. Parece-me bem, falo melhor contigo amanhã.

Quando termina a chamada, subo as escadas. Por que razão tinha aquele telefonema causado tanto pânico? Vejo-a estática, sentada no banco, olhar fixado no telemóvel, nas mãos dela. Vejo-a a limpar a segunda lágrima de hoje, e por instinto odeio imediatamente quem quer que estivesse ao telefone do outro lado. Não gosto de quem a põe desta maneira, ainda por cima quando há uns minutos não parava de sorrir.

Assim que repara em mim no cimo das escadas, pausa o telemóvel na bancada com o visor para baixo. Com certeza julga que não vi aquela lágrima (errado), porque esforça um sorriso.

— Desculpa lá isto — diz.

Ela é particularmente eficiente a camuflar emoções. Tão eficiente, que assusta.

— Não há problema — respondo.

Ao levantar-se, olha para a casa de banho. Está prestes a sugerir que é altura de voltar a mudar de roupa e ir para casa. Tenho medo. Se ela o fizer, talvez nunca mais a veja.

*Temos o mesmo nome do meio. Sabes, isto pode ser o destino.*

— Tenho uma tradição — digo-lhe. É mentira, mas ela aparenta ser o tipo de rapariga que tenta não quebrar tradições e fazer uma desfeita a um gajo. — O meu melhor amigo é empregado de mesa no bar do outro lado da rua. Por costume, sempre que a exposição fecha, vou lá beber um copo com ele. Quero que venhas comigo hoje.

Espreita pelo canto do olho para a casa de banho mais uma vez. Perante a sua hesitação, resta-me concluir que ou não vai a bares ou não está com grande vontade de ir a um *comigo*.

— Também servem comida — acrescento, numa tentativa de atenuar o que era literalmente um convite para ir beber um copo comigo. — É tudo à base de entradas e aperitivos, mas são bons. E estou esfo-meado.

Deve mesmo estar faminta: os olhos dela iluminam-se quando me ouve falar em aperitivos.

— Têm palitos de queijo? — pergunta.

Não tenho a certeza, mas, por esta altura, estou por tudo para passar mais uns minutos com ela.

— Os melhores da cidade.

Novamente, expressão hesitante. Olha para o telemóvel, para baixo, e depois para mim.

— Eu... — Morde o lábio, envergonhada. — Eu devia avisar a minha companheira de casa. Só para saber onde estou. Normalmente a esta hora já estou em casa.

— Com certeza.

Baixa de novo o olhar para o telemóvel e marca um número. Espera que a outra pessoa atenda.

— Olá — diz ao telefone. — Sou eu. — Sorri reconfortantemente. — Hoje vou chegar mais tarde. Vou beber um copo com uma pessoa. — Interrompe-se por um momento e depois olha para mim confusa.

— Hum... sim, penso que sim. Ele está mesmo aqui. — Entrega-me o telemóvel. — Ela quer falar contigo.

Aproximo-me dela e recebo-o.

— Olá?

— Como é que te chamas? — pergunta-me uma rapariga.

— Owen Gentry.

— Aonde é que vais levar a minha amiga? — De repente, ela torna-se uma interrogadora com um tom de voz monótono e autoritário.

— Ao Harrison's. É um bar.

— A que horas é que ela vai chegar a casa?

— Não sei. Daqui a uma hora? Duas? — Olho para a Auburn à procura de confirmação, mas ela limita-se a encolher os ombros.

— Toma conta dela — responde-me. — Vou combinar uma frase secreta com ela para o caso de precisar de ajuda. Se ela não me ligar à meia-noite a dizer que já chegou a casa, vou ligar para a Polícia. E participar o homicídio dela.

— Hum... está bem... — digo, com uma gargalhada.

— Passa-me à Auburn outra vez — pede-me.

Dou o telemóvel à Auburn, agora um pouco mais ansiosa. Pelo ar confuso dela, julgo que tenha sido a primeira vez que esta história da frase secreta aconteceu. Uma de duas: ou ela e a companheira vivem juntas há muito pouco tempo, ou a Auburn nunca sai à noite.

— O quê?! — reage a Auburn ao telefone. — Mas que raio de frase secreta é «pila-lápis»?

Num movimento brusco, tapa a boca com a mão e por entre dentes solta um «Desculpa». Lá deixou escapar a frase secreta. Cala-se por um instante, e depois a sua cara distorce-se perplexa.

— A sério? Por que raio não escolhes palavras normais, tipo «passa» ou «arco-íris»? — Abana a cabeça e abafa uma gargalhada. — OK. Ligo-te à meia-noite. — Por fim, desliga a chamada. — Apresento-te a Emory. Ela é um pouco estranha. — Assinto o comentário. Ela aponta para a casa de banho. — Deixas-me trocar de roupa primeiro?

Claro! Que alívio, isto de saber que voltará vestida com as roupas dela. Assim que fecha a porta da casa de banho, pego no telemóvel para enviar uma mensagem ao Harrison.

**Eu:** «Vou aí beber um copo. Vocês servem palitos de queijo?»

**Harrison:** «Nope.»

**Eu:** «Faz-me um favor: quando pedir palitos de queijo, não digas que não servem. Diz só que acabaram ou assim.»

**Harrison:** «OK. Pedido meio aleatório, mas tudo bem.»



## Será o amor capaz de sobreviver à verdade?

Auburn Reed tem toda a sua vida planeada. Não há espaço para erros ou imprevistos. Até que, um dia, entra num estúdio de arte e conhece Owen Gentry, o enigmático artista dono do estúdio. Auburn sente, de súbito, que algo muda dentro dela e decide deixar-se levar pelo coração.

Owen, contudo, guarda segredos que não quer ver revelados. As escolhas do seu passado não parecem permitir-lhe um futuro livre, e Auburn tem demasiado a perder se decidir lutar por ele. A única forma de não pôr em risco tudo o que é importante para si é deixar Owen.

Confessar é tudo o que ele tem de fazer para salvar a relação de ambos. Mas, neste caso, a confissão pode ser muito mais destrutiva do que o próprio pecado.

***Confesso é uma história de imenso amor e coragem,  
que nos faz acreditar em segundas oportunidades.***

«Senti-me apaixonada desde o primeiro capítulo.»


**Sarah Pekkanen, autora de *Na Sombra da Minha Irmã***

«*Confesso* é simultaneamente doce e viciante. Colleen consegue fazer-nos esquecer a ficção e desejar que o destino exista mesmo para unir Owen e Auburn.»

***The Guardian***

«Colleen Hoover oferece-nos uma história de amor sexy e ousada sobre segundas oportunidades que nos derrete o coração.»

***Booklist***

<div data-bbox="353 1536 525 1576"><b>TOPSELLER</b></div> <div data-bbox="313 1584 571 1605">os livros em primeiro lugar</div> <div data-bbox="373 1617 510 1638">20 20 editora</div>	<div data-bbox="637 1525 855 1541">ISBN 978-989-8839-50-3</div> <div data-bbox="637 1541 855 1611"></div> <div data-bbox="617 1598 847 1621">9 789898 839503</div> <div data-bbox="665 1631 803 1649">Ficção Romântica</div>
---	---